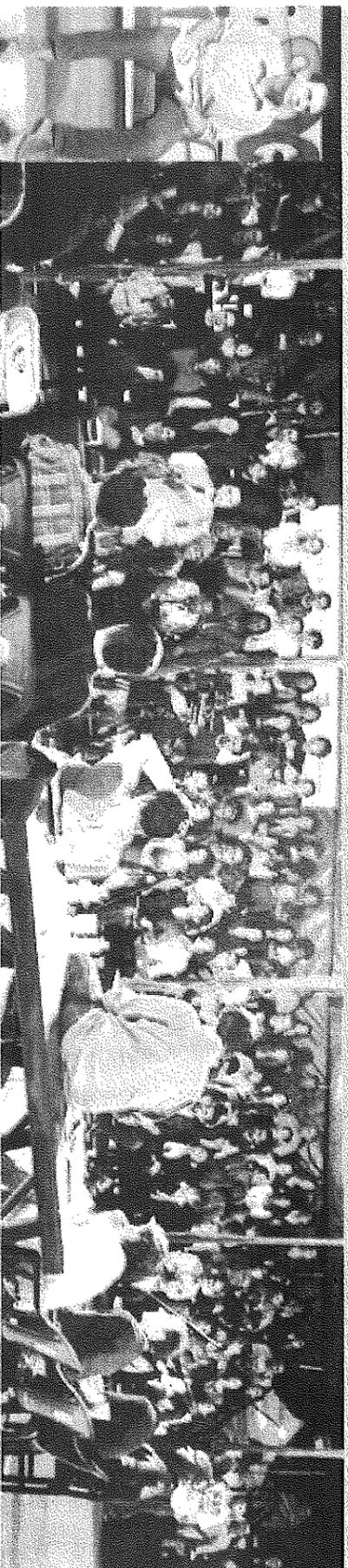


Num encontro objetivo, respeitoso e sem confetes Eduardo Paes se reúne com classe artística para discutir os rumos da cultura

Texto: Virgílio de Souza



Prefeito escuta demanda dos fazedores de cultura da cidade, se compromete a manter uma rotina de diálogos e fala de situações polêmicas como, por exemplo o sucateamento dos equipamentos do Município e da burocracia dos editais. Foi além: prometeu levar atividades culturais para as escolas da Rede Municipal e equipamentos da Prefeitura e fazer com que o Viradão Cultural hoje nas mãos da Riotur seja organizado pela Secretaria de Cultura

Criticado por não ter comparecido à Conferência Municipal de Cultura que aconteceu nos dias 04 e 05 de agosto, no Imperator – chegou-se inclusive a ser solicitada uma moção de repúdio contra sua ausência –, o prefeito Eduardo Paes, se desculpou com a classe e realizou uma reunião com os mais variados segmentos culturais da cidade. No “bate papo”, quase que uma audiência pública que ocorreu no dia 13, exatamente uma semana após a Conferência, no Circo Crescer e Viver, na Praça XI falou-se de tudo um pouco.

Foi um encontro diferente dos que sempre acontecem onde o prefeito ou representantes do poder público se apossam do microfone e falam do que querem durante o tempo que querem. Com

as arquibancadas totalmente lotadas, Eduardo Paes fez uma explanação inicial de 15 minutos e os presentes, através de inscrições – dez inscritos de cada vez, com um tempo de fala de três minutos –, abordavam os aspectos que quisessem e o prefeito após cada bloco de perguntas, respondia a cada uma das questões levantadas.

Em sua fala inicial, Eduardo Paes se disse feliz com a oportunidade e que estava ali muito mais para ouvir. Salientou que “vivemos um momento difícil, no qual não tem se conseguido dialogar com uma parcela da sociedade”.

Prossseguiu dizendo que tem tentado ampliar o debate com os setores da cultura e citou para isso, a Lei do Vereador Reimont Oroni (Lei 5429 de 5 de

junho de 2012 que permite a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos da cidade). Lembrou que o Conselho Municipal de Cultura – indicado pela Prefeitura e rejeitado pela classe artística na Conferência –, foi criado em seu governo.

– Contestam o Conselho? – Foi um passo que demos, agora é saber de que maneira podemos fortalecê-lo. Adiamos e atrasamos muito a construção deste Conselho. Temos agora é que saber a maneira de fortalecê-lo e democratizá-lo para que as decisões tomadas pelo Poder Público possam estar legitimadas. Vai sempre haver discordância. Eu entendi a pressão do setor de cultura. É preciso uma garantia que as coisas mudem independente do governante que esteja governando.

Burocracia no Poder Público

“Não é uma questão especificamente do setor da cultura. O Poder Público no Brasil cria todo tipo de dificuldade. Se você quer fazer uma coisa direitinho são muitas licenças, e temos tentado flexibilizar ao máximo esta questão. O próprio projeto de lei do vereador Reimont sobre arte pública nas praças foi um avanço. Manifestações com estas características não tem que ter licença. Estamos tentando criar um mecanismo que possibilite o produtor cultural a percorrer os caminhos da máquina pública, a andar dentro desta burocracia sem tantas dificuldades, as coisas precisam ser mais facilitadas. Festas, eventos, qualquer tipo de atividade, tem que fluir de forma rápida. É preciso fazer a coisa ser mais ágil. Um exemplo claro disso, é que tem uma galera menos estruturada com enormes dificuldades em captar recursos do Poder Público, de realizar prestação de contas. O desafio é criar a possibilidade, de estas pessoas fazerem, captação de recursos. Temos que fazer esta grana chegar a estes setores que são menos estruturados.

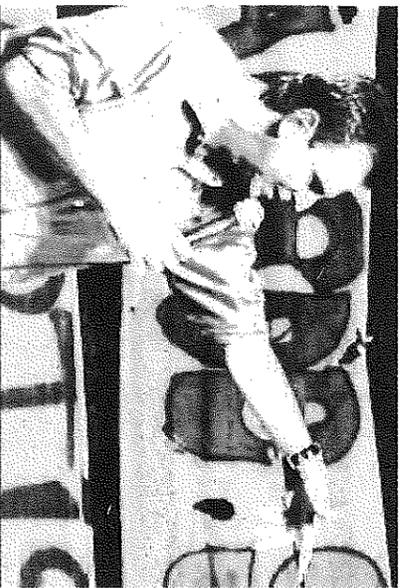
Burocracia nos editais

O Sérgio Sá Leitão (Secretário de Cultura) pegou os recursos e transformou em editais. Todos os recursos tiveram esta finalidade. O que dispusemos foi maior que o previsto em orçamento. Fizemos os editais e nem sei se erramos neste sentido, porque ao fazê-lo, dada complexidade de acesso, podemos ter deixamos de fora vários grupos. Esta é uma discussão que quero travar. O Sá Leitão me falava em criar uma premiação, em encontrar uma maneira para que o proponente possa ter o recurso sem ter que apresentar um catatan de prestação de contas, algo que é quase uma aula de contabilidade. Quero poder colaborar com iniciativas que acontecem na cidade. Iniciativas que sei, não são poucas, por exemplo, eu desapropriei uma casa para o Jongo da Serrinha, e agora quero construir uma casa e não vou botar isso em edital. É uma iniciativa da prefeitura e do prefeito. Importante é que na largada tenhamos recursos disponibilizados de maneira democratizada. Concluindo este assunto, penso que não é válido querer tirar nosso direito de apontar uma iniciativa cultural. Uns vão gostar outros não.

Sucateamento dos Espaços

Foi o sucateamento que fez surgir o movimento Reage Artista

“De fato, a Prefeitura por muitos anos não investiu em seus equipamentos, o que foi lamentável”. No início do ano tivemos aquela tragédia em Santa Maria e fizemos uma ação que foi uma muito mais uma reação ao que não tínhamos feito. Não podíamos correr riscos. Quando determinamos o fechamento de um equipamento e não assumimos um risco é porque estamos assumindo um erro. Na verdade, acabamos não investindo na recuperação dos equipamentos existentes e dedicamos nossos esforços a ampliar as redes que se deram basicamente com as construções das Arenas na Zona Oeste, na Zona Norte e no Subúrbio. Além disso, investimos no Imperator e tivemos também que pagar o final da conta da Cidade das Artes, que não foi uma conta trivial, foram R\$ 150 milhões para concluir aquele equipamento que, diga-se de passagem, era uma obra inaugurada.



Destinação dos Equipamentos

“Este é um esforço que temos que fazer e um assunto que teremos que discutir de forma detalhada. Os equipamentos têm perfis. Temos, por exemplo, a Cidade das Artes que tem aquele perfil todo sofisticado, mas isso não quer dizer que ela não possa ser ocupada por outros tipos de manifestações artísticas”.

Equipamento e Residências

“No encontro com o pessoal das residências tivemos esta discussão, teve um pouco esta história. Residência pressupõe gestão compartilhada e gestão compartilhada não pode significar uma gestão confusa só para dizer que é compartilhada. Este tipo de gestão pressupõe que o Município determina o que quer em um equipamento seu, apontando qual a destinação. É preciso dizer qual a função e vocação se espera de um determinado espaço. Qual a vocação e o papel aquele espaço tem que cumprir. Cabe ao Município ter controle sobre o que colocou no edital. É preciso se criar uma situação única para todos os espaços. Na realidade, o que temos é uma situação absurda e esta relação precisa ficar mais clara. A prefeitura tem que chegar, e dizer: o espaço Sérgio Porto tem que ter esta vocação, e determinar as características. Diante disso, faz-se um edital que seja absolutamente democrático e vai vencer o melhor. Não importa se o vencedor seja simpático ou contrário às causas do prefeito, vence o melhor. Isso tem que valer para todos os espaços. O poder público tem que estabelecer a destinação do espaço e não dar as premissas do espetáculo. A privatização acontece quando o prefeito diz pra seus amigos você cuida daquele ali e ele cuida daquele lá”.

Residências o que fazer?

“A ideia é um modelo novo. A Prefeitura vai aportar recursos para a produção e para a manutenção de um determinado equipamento e queremos incluir nisso as reformas, para simplificar todo este processo. As

reformas serão feitas pela empresa da prefeitura que cuida de equipamentos do Município. No edital já vamos aportar estes recursos. Hoje temos um subsídio, mas temos também um conjunto de regras extremamente confusas e subsidiadas. A prefeitura acaba tendo que se responsabilizar pelo bilheteiro, o segurança, e prestadores de serviços que não obedecem ao comando e que não tem nenhuma subordinação ao gestor daquele equipamento. Repito: esta situação que vivemos nos equipamentos é absurda”.

Arenas Culturais

“Todo mundo viu e perceberam minha preocupação e a prioridade que dei para as zonas mais carentes e mais pobres da cidade. Sempre se fala na concentração da cultura no Centro da cidade e na Zona Sul e acho normal que seja assim. É normal que nesta parte da cidade haja um número maior de equipamentos, o que não pode existir são áreas sem equipamentos. Como percebemos enormes limitações nas lonas, partimos para as Arenas, que era a tentativa de se criar equipamentos de qualidade”.

Verba para o Afroreggae

O prefeito foi questionado por ter feito um aporte financeiro ao Grupo Afroreggae sem licitação ou edital

“É óbvio que existem iniciativas que surgem na cidade, que vamos querer apoiar. Querer questionar isso é querer tirar a capacidade do gestor. É querer tirar daquele que foi eleito democraticamente o poder tomar uma decisão. Existem projetos que por uma ou outra razão queremos apoiar e temos o direito de apoiar. É inconcebível querer tirar o direito de quem tem alguma capacidade de decidir em apoiar e incentivar projetos. Poderia fazer uma defesa do Afroreggae, não vou fazer e nem pontuar uma série de iniciativas que o grupo faz que são benéficas para a cidade. Eles têm um papel importante em algumas áreas e que nos interessa ajudar. Esta é uma decisão do prefeito e não é possível que eu não possa ter esta decisão”.

Juventude

“A agenda sempre acaba muito voltada para Centro e Zona Sul. Percebi isso claramente, no processo eleitoral do ano passado. Criei uma estrutura que embora beneficie também a cultura não é exatamente apenas para a cultura, mas para as mais variadas áreas. Um programa

denominado Eixo Rio. Estamos montando isso há quatro meses e a cultura terá um papel importante. Não podemos perder de vista, que quem mais mata e quem mais morre nesta cidade é jovem, é negro, é favelado”.

Favelas

“Tenho a convicção que precisamos rever a resolução 013, (A resolução passou para a o comandante das UPPs nas favelas o direito de determinar quais as atividades culturais poderiam ou não acontecer). Também tem outras coisas que precisamos rever e assumir. A circulação de moto-táxi também não é papel da UPP e sim da Prefeitura. Temos que restabelecer este diálogo. Quando falamos de manifestações culturais, é papel da prefeitura. Quem tem que controlar ou liberar um evento, é a prefeitura. Estamos perdendo muito, mais por incompetência nossa”.

Pontos de Cultura

“Confesso que resisti muito. Os Pontos de Cultura do Ministério são cercados de muita burocracia. Se já existe muita burocracia a nível municipal, quando você vai para Brasília é um desespero. Nossa prefeitura não está de pires na mão, não estamos desesperados. Lá existem situações de prefeituras em estado de penúria que lamentavelmente tem que ficar puxando o saco de ministros o tempo inteiro. Felizmente não é esta a nossa situação. O ponto de cultura que muito incentivei, era um esforço para permitir recursos para o coletivo, para grupos mais invisíveis, mais espalhados. O desafio é como gastar bem estes recursos”.

Rejeição a Sérgio Sá Leitão

O secretário continua rejeitado por vários setores que insistem em sua saída

“Tem papéis e tarefas que competem a mim. Uma delas é nomear meu secretário. Ele está escolhido e é o Sérgio Sá Leitão. Temos que olhar para frente e vemos o que temos que fazer. Se falhou diálogo ali, se alguma coisa não funcionou tem que esquecer. Não temos que ficar olhando para trás. Se não recebi antes, beleza, vamos seguir em frente e não ficar olhando para trás”.

Cultura nas escolas

“Além das escolas municipais, outros pontos da prefeitura podem ser usados como equipamentos culturais e não acho que tenham que ser só as escolas não, a prefeitura tem outros prédios, vários equipamentos que podem ser utilizados com finalidades culturais. Poderíamos

chamar isso de Rede Alternativa. A ideia é interessante e temos que começar por algum lugar. Mas a administração pública tem problemas das mais variadas ordens. Pode ocorrer de a diretora de uma escola ser eleita pela comunidade entrar numa de não liberar o espaço e criar um problema. Quero dizer com isso, que é preciso se criar uma cultura neste sentido. Mudar a mentalidade. É preciso botar na cabeça da máquina que há um novo hábito. Temos que através dos delegados eleitos fazer um levantamento de dez situações conflitantes e colocarmos isso em discussão. Temos que criar circulação de cultura nesses equipamentos que ficam fechados nos finais de semana e sensibilizarmos a todos para que a cultura ali aconteça. É preciso se estabelecer este conflito vamos citar na máquina a sensibilidade para esta questão. A máquina precisa entender o comando que queremos dar. É preciso criar o hábito, pois existem coisas na administração pública que não há lei que faça pegar”.

Viradão Cultural

Criticado pelo faro do Viradão Carioca pertencer à Riotur e não à Secretaria de Cultura

“Nisso vocês têm mesmo razão.” Tem mesmo que sair da Riotur e ir para a Secretaria de Cultura. São decisões de governo que não dá para ficar explicando. A Riotur é uma empresa, tem uma figura jurídica e, com isso, facilita a Prefeitura patrocinar atividades pela cidade. Tem muitas atividades que vão para a Riotur pela facilidade de patrocínio. Só fazemos lá, por isso. Por isso fizemos o Viradão lá, o próprio carnaval é feito lá, por isso. O Virão tem mesmo que pertencer à Cultura”.



Acessibilidade
Sobre a falta de estrutura dos equipamentos da Prefeitura em relação aos portadores de deficiência

"Isso não é preciso nem muita discussão. A acessibilidade será obrigatória em todos os espaços, programas e projetos da Prefeitura"

Negros e a Zona Portuária

Sobre a falta de participação da sociedade nos projetos denominado Porto Maravilha

"Temos uma super oportunidade naquela área. Temos resgatado uma parte da Sei que tem muita coisa pra fazer. Temos nos esforçado para isso. O Cais do Valongo é uma demonstração disso, o Centro Cultural José Bonifácio é outro exemplo. Acho, inclusive, que o José Bonifácio tem que ter uma relação direta com a história do negro naquela região."

Dia Nacional do samba

A queixa é pelo fato de uma das manifestações mais importantes da cidade ter ficado restrita ao Trem do Samba

"Esta é uma manifestação que gosto muito, tem que aportar mais recursos e contemplar mais atividades. De fato, tem que ir para além do Trem do Samba."

Cooperativas

"Tenho que gerir a cidade inteira. Não quero travar aqui este debate. Preciso entender este assunto. E uma

discussão de extrema complexidade, o que vi em outros setores são empresas transvertidas de cooperativas. Não quero acusar ninguém, mas esta percepção é clara e observamos isso em outras áreas. Como falei tenho que ter mais conhecimento, um maior domínio sobre o assunto. Temos que saber exatamente o que acontece, a aprofundar com a Secretaria de Cultura e a Procuradoria a discussão, não posso dar uma resposta objetiva, é preciso mais conhecimento de causa.

Conselho Municipal de Cultura

Na Conferência em votação por aclamação a plenária optou por não reconhecer representatividade no Conselho Municipal de Cultura que é indicado pelo prefeito

"Precisamos manter uma reunião semestral. Temos que sair desses encontros com algo sólido. É preciso ter uma comissão para dialogar e tomar decisões. Não se pode ficar discutindo, discutindo, e depois disso, não se ter uma decisão. É preciso organizar mecanismos de participação. Entendi que preciso estabelecer um diálogo com os delegados eleitos na conferência. Entendi que precisamos ter uma instância mais deliberativa. Existem muitas questões objetivas. A regulamentação do Conselho é feita por decreto. Eles estão eleitos e precisamos encontrar uma solução. Daqui a seis meses vou voltar e muitos dos problemas podem não ter sido resolvidos. Reconheço a importância dos artistas, pois foi um segmento que se organizou num momento difícil,



EdUARdo Paes ao lado do vereador Paulo Messina (PV), do secretário Sérgio Sá Leitão e de Reinom Otomi. Os vereadores compõe a Comissão de Cultura da Câmara Municipal

numa hora difícil. Talvez meu erro tenha sido deixar passar seis meses para este encontro. Quer seja com os Conselheiros ou com os delegados, é preciso canais de diálogos entre o poder público e os diversos segmentos da sociedade. Quando você permite a participação você tem transparência. Entendo que o Conselho não está suficientemente representativo e precisa ser. Por outro lado, colocar todo mundo vira uma assembleia. Precisamos criar um novo modelo que permita maior participação. Entendam que o canal de diálogo está aberto e que vou voltar aqui para me reunir com esta plenária. A volta é sempre constrangedora, sempre constrange, se tudo que falei for

historinha do boitará, se for conversa para boi dormir, eu fico, mal com a classe. Quero voltar a manter esta conversa na esperança de que no próximo encontro muitas destas demandas estejam resolvidas.

Eram 22h20. As notícias de uma grande confusão na passarela dos professores nas proximidades do Palácio Guanabara, fizeram o prefeito interromper o encontro.

- Peço desculpa a vocês, mas estou agoniado para saber como estão as coisas. Parece que as coisas estão complicadas e preciso tentar fazer alguma coisa. Por favor, me entendam. Abraços e até a próxima.



CPI do Ônibus

Em vários momentos foi solicitado ao prefeito que se posicionasse e mesmo intertense na CPI dos ônibus, uma vez que a base aliada do governo tem maioria na Câmara e, que caso quisesse, poderia mudar os rumos da CPI. Bassando demonstrar equilíbrio respondeu sobre a questão partindo absolutamente do ponto de vista técnico, sem entrar no universo político:

"Sobre a CPI não tem muito a falar. Fizemos uma licitação em 2010, a primeira da história desta

cidade. Até então o reajuste era feito pelo prefeito em conversa com empresários. Fiz um reajuste obedecendo aos índices estabelecidos. A opção que parecia a melhor foi organizar a cidade em consórcios. Elegemos quatro consórcios e a ideia era ver a coisa funcionando. Estabelecemos um contrato público e conseguimos implantar um sistema de bilhete único. Já afirmei diversas vezes que o sistema de transporte do Rio é uma tragédia, e tenho repido

que se o Tribunal de Contas afirmarem que houve cartel, cancelo a licitação na hora. Se qualquer órgão apontar irregularidade, eu cancelo a licitação. Sobre esta CPI, a Câmara tem um poder independente. Acho curiosa esta ideia de que tenho poderes sobre o Legislativo. Se eu mandasse tanto assim como imaginam, não teria CPI. Não mando em vereadores. Não fiz pressão para ter ou para não ter CPI."



Meditação Ativa
(escola e individual)

Bioenergética
(individual, grupo e maratona)

* É necessário uma entrevista prévia para realização dos trabalhos.

Aluguel de salão para trabalhos corporais e grupos de teatro (chá revestido em EVA, 75 m², aparelhagem de som, ar condicionado)

Ladeira do Ascurra, 115-B - Cosme Velho - (21) 2225 0269 www.namaste-rio.com.br

